

No. 5.1.2661

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 147

Vol. 27

Provisões de boca na Alemanha

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918

Provisões de boca na Alemanha

I. Cereais panificaveis

Valendo-nos de fontes e estatísticas alemãs procuraremos demonstrar nesta série de artigos qual a situação da alimentação publica na Alemanha até ao fim de janeiro deste ano, época em que findam os pormenores ao nosso alcance. Muitos são os relatos sobre o assunto dados por viajantes neutraes; muitos deles, porém não todos, apresentam um quadro muito mais lugubre do que o nosso das privações que se experimentam na Alemanha. Esses mesmos tem tambem o seu valor; porém, não recorreremos a eles, pois o nosso desejo é de alcançar quanto possivel os dados em primeira mão. Os factos apresentados aqui baseiam-se todos — a menos que venha indicado o contrario em declarações feitas pelas autoridades alemãs. Propomo-nos em primeiro lugar considerar em detalhe as principais subsistencias para depois chegar a conclusões sobre a situação actual da Alemanha e as suas perspectivas futuras. Convém não perder de vista certos pontos gerais, a saber: Devido ás más colheitas do ano 1916-17, ha mais de ano e

meio que o povo alemão está insuficientemente alimentado; os resultados disto são cumulativos. Pela primeira vez desde que começou a guerra o novo ano cerealífero 1917-18 iniciou-se sem reservas algumas de cereais panificáveis, de forragens ou batata e ao mesmo tempo tinham desaparecido as pequenas provisões domésticas. Em consequência de se ter apertado mais o bloqueio, tem-se recebido na Alemanha menos subsistências vindas de países neutrais adjacentes do que em 1916. Finalmente, o povo alemão sofreu duas desilusões sérias. A chamada «vitoria das colheitas» na Roménia rendeu á Alemanha, segundo declara a *Vossische Zeitung* de 30 de janeiro, desde o primeiro dia até á data, só 630.000 toneladas de cereais, ao passo que em tempo de paz a Alemanha importava 5.500.000 toneladas ao ano; a Valáquia consegue apenas alimentar o exército de occupação. Sabemos da mesma fonte que os distritos occupados pelo inimigo na Itália pouco ou nada deram nem darão em subsistências ou forragens. Falta ver se a Ukrania dará melhor resultado.

Tratemos em primeiro lugar dos cereais panificáveis. No inverno de 1916-17 a ração de pão foi de 1.800 gramas. Esta ração ficou reduzida a 1.500 gramas no mez de abril, substituindo-se ostensivamente por rações maiores de carne e de batata. Tudo dependia portanto da colheita de 1917. Até certa altura esta fôra em todo o Imperio dada como boa. A primeira nota discordante veio, segundo parece, do jornal *Die Konjunktur*, de 20 de setembro, que acusava as estatísticas

oficiais de não exporem a verdade e afirmava que o *deficit* ia aumentando de ano para ano. Foi no Landtag da Prussia em 19 de outubro que von Waldow, Secretario de Estado do Bureau de Subsistencias de Guerra, indicou o perigo dum optimismo exagerado e declarou que a colheita não passava de mediana; o calculo preliminar era inferior ao que se esperava; havia contudo a esperança de estar garantido o fornecimento do ano; em todo o caso a falta de pão seria preenchida por batata a partir de 1 de novembro. Nos fins de outubro anunciou o Bureau de Subsistencias de Guerra que escasseava o pão devido á qualidade inferior da colheita cerealifera. Em 28 de novembro, falando no Landtag da Prussia, Waldow qualificou a colheita de *escassa e mediana*; é esta frase que se lê no relatorio do governo entregue ao Reichstag no fim de dezembro de 1917. Waldow confessou em 28 de novembro que a revisão dos *stocks* dava um resultado ainda inferior, o que ele attribuia ao excesso de precaução dos grupos fornecedores, pedindo ao mesmo tempo uma nova revisão. Não é por emquanto conhecido o resultado desta, porém os consumidores teem a sua representação nessa revisão. No entanto von Waldow deu um passo arriscado quando concordou com os Governos Federais em se fixar as quantidades que os diversos grupos fornecedores deviam entregar pondo de parte completamente estas estatísticas de revisão, e as contribuições, acrescentando aos calculos da colheita uma percentagem correspondente ás condições locais. Se, por

consequente, os calculos da revisão fossem aprovados, a Alemanha teria de diminuir a ração para se não ver privada de pão antes da nova colheita. (Nota-se que a colheita de 1916-17 provou ser inferior ao calculo de revisão.) Por não ter havido reserva de cereais dessa colheita, instituíram-se premios para os primeiros cereais oferecidos, no intuito de apressar a entrega da nova colheita, o que dará o resultado infalível que, tendo-se encetado mais cedo a provisão anual, tambem mais cedo se chegará ao fim dela, mórmente como não se pode evitar certa perda devido ao excesso de humidade.

Elevou-se em agosto a ração de pão a 1.950 gramas; porém desde que se poz em pratica em 1 de novembro o preencher a falta do pão com batata, só 90 % deste pão era feito de farinha, sendo 10 % composto de batata. Experimentou-se juntar á farinha de trigo outra de gramineas; não consta porém que se tenha levado isto a efeito. A percentagem de farinha moída é de 94 e isto quer dizer que se está utilizando o folhelho e a sêmea: o estomago do homem não digere esta ultima. Todas as tentativas fortificadas pela opinião medica, para reduzir a percentagem de farinha moída, tem sido infrutiferas por uma razão muito simples; a necessidade. E' portanto falaz o afirmar-se que o povo tem mais pão do que ha um ano por receber 1.950 gramas, em vez de 1.800 gramas, pois o pão de 1916 continha maior porção de farinha e era mais nutritivo do que o pão actual. A colheita de 1915 foi inferior á de 1914 na razão de 15 %; a de 1916

foi inferior em 15 % á de 1915; diz-se que a de 1917 é inferior á de 1916 na razão de 25 %.

A nova revisão mandada fazer por von Waldow deve basear-se nas debulhas que deviam estar concluidas no dia 28 de fevereiro. A *Frankfurter Zeitung*, de 20 de janeiro, põe em duvida, todavia, que fosse possível concluir a debulha até essa data. No entretanto vai-se preparando o povo a sofrer nova redução na ração do pão. O dr. Lippmann, do Bureau de Abastecimentos de Guerra de Hamburgo, disse a 7 de janeiro, que a ração estava garantida até 28 de fevereiro e que, se então se reconhecesse a necessidade de fazer uma pequena redução, nunca baixaria até 1.800 gramas. Em 22 de janeiro o dr. Mueller, Sub-Secretario de Estado do Bureau de Subsistencias de Guerra, afirmou que, a ser preciso reduzir a ração do pão, a falta seria substituída por carne ou batata, *caso esses comestiveis se pudessem obter*. A 28 de janeiro, von Braun, Sub-Secretario de Estado do Bureau de Subsistencias de Guerra, disse que ainda não estava bem definido se seria necessario reduzir de novo, porém temporariamente, a ração do pão. Em vista das considerações supras a respeito das colheitas, estas declarações não deixam na mente sombra de duvida.

II. A batata

Em 1 de novembro, von Braun annunciou que, visto a quantidade de carne disponível ser menor, ter-se-hia de suprir a falta durante o ano

por pão e batata. Consta, na verdade, que esses generos formam actualmente quatro quintos da alimentação publica. A colheita da batata em 1916 foi má. Quando em abril de 1917 se elevou a razão de batata a 5 arrateis por semana para suprir a falta de pão, viu-se a impossibilidade de a fornecer: distribuíram-se só 3 arrateis e até menos. Foi portanto uma satisfação geral quando se fez a declaração que a colheita de 1917 seria extraordinariamente boa. Fizeram-se os cálculos mais extraordinarios. Em 3 de outubro a *Boersen Zeitung* chegou a fantasiar uma colheita igual ás melhores dos tempos de paz, isto é, 50.000.000 de toneladas, ou mais. Reconheceu-se universalmente que as subsistencias do ano dependiam principalmente da batata; a ela se havia de recorrer para satisfazer qualquer deficiência. Reforçou esta ilusão as grandes remessas de batata que afluíram á cidade ao principiarem a colheita; e ainda que von Waldow, em 19 de outubro, falando na Comissão do Orçamento do Landtag, se limitou a dizer que a colheita era razoavel e mesmo boa nalguns distritos, a confiança do povo nem assim se perturbou. Em agosto ficou ordenada a razão semanal de 8 arrateis (isto é, deixando uma para desconto). Iniciou-se logo, e continúa ainda, uma vigorosa campanha por parte não só das corporações industriais mas tambem das corporações medicas e das municipalidades, pedindo 10 arrateis, fóra o desconto. Von Woldow, porém, declarou em 19 de outubro, ser isso impossivel.

Por conseguinte, quando em novembro se

veiu a conhecer o resultado da revisão mandada fazer pelo Governo, foi grande a desilusão. O Bureau Imperial da Batata annunciou que, sendo exactos esses calculos, elles indicariam uma colheita pessima e portanto deviam ser absolutamente inexactos. Não se publicaram os calculos da colheita, porém Herr G. Schmidt, Presidente da União dos Trabalhadores Agricolas, assevera que sabe com fundamento que a colheita não passa de 24.000.000 de toneladas. Todos repudiavam a idéa que a colheita tivesse sido má. Porém esse optimismo modificou-se quando o Bureau Imperial da Batata annunciou que se tinha pedido auxilio militar para fazer entrar na lei os lavradores que açambarcavam os seus *stocks*. A imprensa affiançava que os lavradores falsificavam as suas contas afim de reterem grandes reservas de batata para forragem e tambem para a venda illicita. Repetiu von Waldow no Landtag em 28 de novembro que a colheita era regular; que as estatisticas induziam em erro e que fôra portanto mandada fazer uma revisão. Declarou tambem que o Bureau Imperial da Batata estava resolvido a aceitar como base de distribuição o calculo de 34.500.000 toneladas como total da colheita, — exactamente o que se fez na questão do pão. A imprensa continúa a afirmar que a colheita é boa.

Von Waldow adoptou a politica de deixar parte da colheita nas mãos dos lavradores, desculpando-se pela impossibilidade de se fazer a entrega de toda a colheita antes da estação da geada; porém confessou ao mesmo tempo que

não via maneira de salvaguardar essa parte. Assim que se suspeitou da suficiência de colheita, a imprensa da Esquerda começou uma campanha contra o procedimento de Waldow. O *Berliner Tageblatt* de 15 de novembro, disse que era forçoso abandonar a idéa de utilizar como forragem a batata excedente; o *Vorwärts* do dia 19 classificou toda a questão de grossa burla. Porém as autoridades que se viam obrigadas a escolher entre dois males, obstinaram-se: em 13 de dezembro, o dr. Mueller annunciou que não haveria aumento na ração da batata e que o que houvesse para mais de 34,500,000 toneladas ficaria á disposição do lavrador para servir de forragem. Foi o sinal para se desencadear a tempestade. O *Oberburgermeister Wermuth* de Berlim exprimiu a indignação geral quando declarou que o Governo parecia inclinar-se no negocio da batata para o sistema odiado e desacreditado de entregas por contracto. Todas as corporações industriais e as municipalidades de 56 grandes vilas rogaram ao Governo que não consentisse o emprego da batata como forragem até se achar garantida a ração do ano. A imprensa socialista exigia que o Governo requisitasse e repartisse por igual não só a batata como tambem todas as provisões de boca. Por fim o Governo teve que ceder. A *Schlesische Zeitung* de 20 de janeiro annunciou que von Waldow tinha publicado certos regulamentos em que dizia que, devido aos calculos pouco favoraveis da colheita da batata, os lavradores teriam de livrar a colheita por inteiro (inclusive os 20 % de descon-

to) fazendo reserva unicamente da batata precisa para semente. Não vinha explicado, porém, a maneira de se impôr tal regulamento.

Não é conhecida a quantidade exacta da colheita. Torna-se bem evidente que o Governo está fazendo o seu jogo na suposição de serem inexactos os algarismos da revisão. Emquanto á má qualidade da colheita, estão todos concordes: a casca é excessivamente fina, os insectos fizeram já grandes estragos e a qualidade é má para se poder conservar. O Bureau da Batata de Brandenburg afirma que a durabilidade parece ser inferior á dos outros anos. O mesmo diz o Bureau da Batata de Hanover. Nalguns casos tem de se fazer um desconto de 25 %; estão deterioradas grandes quantidades. O conde Luetichau escreve na *Schlesische Zeitung* de 23 de dezembro que, apesar da quantidade ser grande, a má qualidade faria com que na pratica houvesse só um pequeno excedente á má colheita do ano anterior. A Comissão de Subsistencias para Operarios de Berlim afirma ser a qualidade tão má que 10 arrateis dão só 6 que se podem comer. Além disso, muitas familias excederam-se no gasto da batata por contarem com novo fornecimento na primavera; em 7 de janeiro, notificou-se oficialmente que não se podia contar com mais entrega. No principio de janeiro reduziu-se em Berlim e Magdeburg a ração para 6 arrateis; o outro arratel (em Berlim) tirar-se-lia da ração de alimentos de ultimo recurso; porém esses mesmos 6 arrateis nem sempre se fornecem, o que poderá talvez explicar-se pela

desorganisação do trafico devido á geada. Apesar de estar agora complicada a questão pela necessidade de servir a batata como forragem para os cavalos do exercito, continúa da mesma maneira a exigencia duma ração de 10 arrateis que, segundo o *Vorwaerts*, é a «ultima esperança» de Berlim. E' mais provavel, contudo, que ainda venha a reduzir-se a ração, pois von Braun disse a 28 de janeiro haver *stocks* suficientes para manter a ração actual e para substituir a farinha no fabrico do pão até abril, o que não é de todo o ponto animador. Muitas cidades estão fazendo reservas do detestado couve-nabo para o que der e vier.

III. Forragem e carne

A forragem constitue provavelmente um problema ainda mais importante que o da batata, pois viza o exercito. A forragem deu má colheita em 1916-17, porém a colheita 1917-18 falhou por completo. O feno e a palha escasseiam. A cevada, segundo a declaração official, resultou 33 % abaixo da colheita anterior. Falta-nos o calculo official com respeito á aveia, porém o conhecido agronomo Herr Schlittenbauer põe-a a 40 % abaixo da colheita anterior. Pode-se avaliar a difficil situação em que se encontram os lavradores pelos dados seguintes: desde 15 de novembro de 1917 até 15 de agosto de 1918 podem reservar até 300 kgrs. de aveia (ou aveia e cevada) por cada cavallo e 100 kgrs. por cada boi; no ano p. p. as rações foram de 625 kgrs. e 725 kgrs. respectivamente; nem mesmo lhes fica o

couve-nabo. Em novembro disse von Waldow que muitos lavradores não teriam outra forragem a não ser a batata; como já vimos, diligenciara assegurar-lhes o excedente da batata para forragem, porém não o conseguiu por causa da oposição que encontrou. E' assunto mais serio comtudo a alimentação dos cavalos do exercito. A ordem passada por von Waldow em 20 de janeiro requisitando toda a batata, não seria antes em beneficio do exercito e não do povo?

Ao fim de novembro o Bureau de Subsistencias de Guerra fez constar que, devido á grande falta de forragem cerealifera para os cavalos do exercito, tornava-se necessario que os lavradores debulhassem e entregassem desde logo a aveia — á custa mesmo de outros trabalhos importantes. Em consequencia disto, deu-se, além do premio de 60 marcos por tonelada oferecidos á primeira debulha, novo bonus de 70 marcos para a entrega rapida, o que elevava o preço da aveia de 270 marcos a 400 marcos por tonelada. E' evidente que a aveia se vai exgotando pois se está dando batata aos cavalos do exercito. No pedido das corporações industriais para que o Governo assegurasse primeiro o fornecimento anual de batata para o povo, afirmava-se que o cavalo do exercito consome 7 arrateis de batata por dia. Fez-se o possivel para obter mais feno e mais palha; os lavradores foram intimados que, a não entregarem o feno e a palha, se empregaria a força e perderiam ao mesmo tempo os seus cavalos para compensar a enorme perda em gado

cavalar que sofria o exercito é que tem tido grande incremento nos ultimos tempos. Em 20 de janeiro emitiu-se nova ordem requisitando 400.000 toneladas de feno e 150.000 toneladas de palha para o exercito em aditamento a 1.200.000, e 1.500.000 toneladas já requisitadas. Emquanto a cevada, ficou reduzida em 1917 a quantidade destinada ao fabrico de cerveja a 35 % abaixo da média dos tempos de paz; em novembro o Bundesrat fixou a cota de cerveja fabricada na Baviera em 15 % abaixo da média dos tempos de paz e a 10 % no resto da Alemanha, ficando o grau em 2 % quando em tempos normais atinge 10 e 12 graus. Lamentava-se ainda a industria da cerveja, quando no fim de janeiro o Bureau de Subsistencias de Guerra proíbiu por completo a entrega de cevada ás fabricas, alegando que a pessima colheita de aveia tornava urgente a substituição desta por outra forragem e que, como até á primavera não se podia resolver a questão da batata e os cavalos do exercito careciam absolutamente de forragem, o unico meio era a suspensão do fabrico de cerveja. Acrescentou-se que as autoridades tiveram de optar entre cerveja para as tropas e forragem para os cavalos: optaram pela ultima.) Dizia-se que a proíbição seria temporaria. Não se percebe, porém, como se ha de reaver o que uma vez se consumiu. O Estado Maior, os verdadeiros governantes da Alemanha, decidiram que tudo tem de ceder á necessidade de conservar os cavalos para o serviço dos canhões. Tudo indica que está em via entre o exercito e os civís

uma grande luta pela batata: ganhará o exercito infalivelmente.

A falta de forragens faz-se sentir tambem na alimentação do gado e doutros animais domesticos. Tendo tido de resolver a quostão de forragem para o exercito contra gado suino para o povo, as autoridades votaram de novo a favor do exercito: os porcos vão sendo exterminados afim de economisar a forragem; reservam-se só os que são precisos para criação. Com estas medidas sofre a ração de carne e de gordura, pois as autoridades apoderam-se de todo o gado suino. O censo dos animais domesticos de 1 de dezembro dá uma depreciação nos *stocks* desde dezembro de 1913 como sendo: em gado 4,5 %, bezerras 15,6 %, carneiros 10,4, porcos 57 % (segundo outro calculo, 66 %). A diminuição na percentagem do gado não é importante; o que causa alguma preocupação é a depreciação em qualidade e peso. Na Baviera, que menos tem sofrido, a depreciação no valor da carne é de 12/14 %, emquanto que no Imperio em geral é de 25/30 % — nalguns sitios muito mais. Em Dantzig, no mez de outubro, chegou gado ao matadouro com o peso 86 k., sendo o peso normal 200 k. Foi esta depreciação no pêso que necessitou no verão de 1917 — e está ainda necessitando — a matança de vacas leiteiras, e causou em setembro uma interrupção temporaria na distribuição de carne em Berlim. Da má qualidade da carne ha necessariamente numerosas queixas.

Em abril de 1917 elevou-se temporariamente

a 500 grs. a ração semanal da carne; porém não atinge tanto em grande numero de vilas; reduziu contudo o numero de cabeças de gado e em especial de vacas leiteiras. Em agosto fíxou-se a nova ração em 250 grs., porém só nas grandes cidades; nas povoações mais pequenas a ração é de 200 ou de 150 grs. A ração não é ponto estabelecido. A 19 de outubro o dr. Lippmann, da Comissão Orçamental do Landtag da Prussia, disse que não era possível contar absolutamente com a ração actual; a 16 de novembro a *Vossische Zeitung* predisse nova redução para março. A 28 de novembro, falando no Landtag da Prussia, von Waldow explicou que as Uniões Comunaes tinham tido de adoptar o sistema de gradações, reduzindo a 150 ou 100 grs. a ração para logares pequenos. Acrescentou que seria provavelmente necessario estabelecer o sistema de gradações em todo o Imperio afim de poupar o gado. Em 26 de janeiro von Braun disse que se podia manter a ração actual *pele menos por algum tempo*. Parece inevitavel uma nova redução. Entre outros artigos, o exercito toma posse de todo o gado suino e quando este acabar será preciso recorrer ao gado bovino, diminuindo assim o abastecimento dos civis. A estatistica dos matadouros de Breslau prova que se mataram — provavelmente para alimentação — entre 1 de abril de 1916 e 31 de março de 1917, 740.000 cães.

IV. Leite, gorduras, etc.

Trataremos sumariamente dos restantes generos alimenticios.

O fornecimento de leite tem ido de mal para peor. Que haja diminuição no inverno é normal, contudo o *Munchener Neueste Nachrichten*, tratando do assunto no mez de novembro, disse: «ha este ano uma falta maior que se vai acentuando de semana para semana», e calculou haver, comparado com o ano anterior, uma diminuição de 13 %. Uma nova ordem publicada em 3 de novembro entregava á Repartição Imperial de Gorduras para consumo a fiscalisação de todo o leite e dos seus productos e estabeleceu uma tabela dando a ração para creanças de menos de 2 anos e para as mães que amamentam os seus filhos, e marcando a ração de um litro por dia para os doentes; a mais ninguem é permitido dar o leite natado. As tabelas que se publicaram (de Hamburgo, Frankfort e Munich) não atingem contudo essa quantidade. Em Berlim, nos primeiros dias de novembro, faltaram 30.000 litros diarios para se chegar á ração precisa para creanças e doentes; em Hamburgo a falta diaria no mez de janeiro foi de 33.000 litros para o mesmo fim. Afirmou von Waldow no fim de outubro que a quantidade este ano seria inferior á do ano passado; o que se provou ser exacto excepto nalguns «districtos modelos». Isto explica-se em parte pela falta de forragens e em parte pela matança de vacas leiteiras; a opinião publica tambem o attribue ao facto que os leiteiros re-

cusam vender o leite. Admitiu-se numa reunião de leiteiros da Westfalia a existencia desse genero de «desobediencia passiva» e comprometteu-se em Hanover por varias buscas officiaes dadas em certas herdades.

E' caso serio para a população, que recebe uma carne sem gordura e que não tem toucinho, ver-se tambem privada de manteiga e margarina. A 19 de outubro, quando a ração semanal estava em 90 grs., o *Lokalanzeiger* disse que era impossivel reduzir mais a ração de gordura sem prejudicar seriamente a saude publica. Contudo ficou reduzida a 70 grs. a partir de 1 de janeiro, o que na senha vale só 62,5 grs., feito o desconto a favor dos doentes e dos que teem um trabalho arduo. Ha muitas queixas sobre a má qualidade da margarina fabricada com sementes oleosas. Falhou na Romenia a colheita dessas sementes o que torna ainda mais precaria a provisào futura. Por outro lado, a colheita de beterraba é regular e existe do ano passado uma boa reserva de assucar. Em dezembro o dr. Alter, do Bureau de Subsistencias de Guerra de Berlim, disse que o assucar tomaria o lugar das gorduras que faltam. Nas refinações de assucar existem graves dificuldades emquanto a carvão e mão d'obra, desconhecendo-se portanto a quantidade que será possivel refinar; a ração de assucar não teve ainda o aumento esperado. A imprensa socialista acusa os lavradores de se utilisarem da beterraba sacarina como forragem.

A colheita de fruta foi abundante; fez-se grande quantidade de doces e prometeu-se que

este ano não se fabricaria mais «doce de guerra», que é composto de couve-nabo e sacarina. O café desapareceu de todo e os ovos quasi por completo; ao preço da criação só podem chegar os ricos. Os civis pouco peixe alcançam: em 27 de novembro a *Deutsche Tageszeitung* disse não haver secção do abastecimento de viveres que tenha dado peor resultado que a do peixe. A hortaliça foi escassa. Von Tilly, Chefe da Repartição Imperial de Frutas e Hortaliças, disse a 15 de novembro: «Não ha hortaliça. Estamos longe de podermos satisfazer os numerosos pedidos.» Nalguns logares (Hamburg, Breslau) distribue-se a hortaliça por senhas. Neukoeln, arrabalde de Berlim, recebeu só 7 % da hortaliça contractada no outono; Wilmersdorf recebeu 22 % das hortaliças do primeiro contracto e 5,5 % das do contracto do outono. A hortaliça contribuiu mais que nenhum outro genero para desacreditar o sistema de entrega por contracto, pelo qual o produtor entrega o produto á medida que fôr requisitado. As Uniões Comunaes queixam-se que o produtor faz o contracto e vende depois illegalmente o produto a preços superiores, declarando em seguida ter falta dos generos.

O adulto em Berlim recebia no mez de dezembro a seguinte ração semanal: pão 2 kgrs., carne 500 grs., hatata 3,5 kgrs., manteiga e margarina 70 grs., assucar 150 grs., mel artificial 70 grs., rolão de aveia 2,5 kgrs. e um ovo ao mez. Tudo o mais, como afirmava o *Berliner Tageblatt* em 17 de dezembro, é obra do acaso, do recheio da bolsa do freguez e da traficancia.

Nenhuma cidade recebe mais que a capital e muitas recebem menos: as rações variam com as localidades. Os preços aumentaram muito, porém não nos vamos ocupar agora desse ponto. Está bem provado que o aumento do custo da vida é muito superior ao aumento dos salários. Numa resolução votada por deputados representantes das cidades bavaras, diz-se que os preços se elevaram de tal forma que todas as classes nas cidades e nos campos, excepto as abastadas, se vêem em serios embaraços. Isto descreve perfeitamente a situação. Estendeu-se muito durante o inverno, como era natural, o sistema das cozinhas comunais que são frequentadas por bastantes individuos que antes da guerra não se teriam dado por pobres. Uma circular expedida no fim de outubro pelo Bureau de Subsistencias de Guerra diz que de 563 cidades de mais de 10 000 habitantes, 473 tinham já na primavera de 1917 estabelecido 2.207 cozinhas publicas capazes de alimentar a quarta parte das respectivas populações, e que se esperava que tomasse maior incremento durante o inverno de 1917-18. Pelas estatisticas de algumas vilas sabe-se que assim tem acontecido; diz-se que 20.000.000 de alemães — um terço da população civil — alimentam-se dessa forma. Encareceu tambem o preço das refeições, o que traz muitas reclamações. Generos ha que os civís não podem de todo obter. E' propriedade exclusiva do exercito toda a carne de porco, o alcool, os legumes, a cebola e quasi todo o peixe do mar. Inventaram-se 7.000 substitutos de generos alimenti-

cios, em grande parte inúteis. Num sentido, porém, parece ter melhorado a situação ha um ano. Antes disso as rações eram geralmente nominais; pouca certeza havia de se poderem obter. Hoje, com excepção do leite e dos casos (provavelmente isolados) da ração de batata em Berlim e Magdeburg no mez de janeiro, parece que se satisfazem as rações. Sobre este assunto não nos consta haver reclamações. Isto não indica, é certo, aumento de generos, porém melhor organização.

V. O aspecto fisico como consequencia da insuficiencia da alimentação

O que se vê na Alemanha não é a fome, porém sim estado prolongado de alimentação insufficiente. Os alemães sofrem, porém não passam fome. Quem estudou com proveito a mentalidade da classe dirigente da Alemanha não pode supôr que os alemães passarão fome enquanto existir uma migalha, seja do que fôr, nos territorios occupados. Verdade é que já se começa a falar nesse recurso. A 19 de novembro o *Koelnische Volkszeitung* disse haver muito que se pode aproveitar nos territorios occupados e que aproveitá-lo era uma condição essencial para a resistencia. Em janeiro escrevia von Graef Goldbeck, M. D. R., que seria justo requisitar todo o produto dos territorios occupados na mesma base que os produtos alemães, e que havia muitos produtos que podiam levar da *rica* Belgica; se

em consequencia a Comissão de Socorros cessasse a sua obra — o peor seria para a Belgica. A imprensa socialista e as organizações trabalhistas apresentam-nos quadros lugubres da miséria que vai na Alemanha; porém não devemos de tais afirmações tirar as nossas conclusões. Por exemplo, a Comissão de Subsistencias para Operarios de Berlim declarou com unanimidade no principio de dezembro que, a não haver melhoria na questão de subsistencias, os operarios não podiam nem queriam continuar a trabalhar. A situação peorou; porém os operarios continuam e continuarão a trabalhar.

E' inegavel que a insufficiente alimentação dura ha muito tempo e causa muito sofrimento. O dr. Dienemann, medico official de saude em Dresden, demonstrou na *Sociale Praxis* de 27 de setembro, por meio de tabelas, que no ano da ultima colheita as rações para todos, excepto as mães que amamentam os seus filhos e as creanças abaixo de 8 anos, nunca davam mais que metade do numero de calorías necessarias para manter a eficiencia fisica. Alguns medicos testificam que a proporção melhorou este ano, pelo menos no caso dos que fazem trabalho arduo; pode-se afirmar contudo que uma grande parte do povo alemão existe ha mais de ano e meio a meia ração. Isto não diz respeito necessariamente ás classes abastadas, nem aos que trabalham em material de guerra.

A alimentação insufficiente produz dois efeitos: um fisico, outro moral; falemos aqui do primeiro: priva o adulto da sua eficiencia no

trabalho; não faltam provas que assim tem sucedido. Porém não parece ir mais longe emquanto ao físico; cremos mesmo que haja alguma verdade no que se diz na Alemanha: que o povo enrijou — isto é, que o seu físico, apesar da deficiência de força, poderá manter-se durante longo espaço, como acontecia aos condenados ás galés, os quais, após um ano, se enrijavam e ficavam capazes de suportar condições inauditas. Os fracos porém sucumbem. Pelas estatísticas das companhias de seguros da Alemanha, vê-se que a mortalidade aumentou consideravelmente. Em todas as cidades grandes ultrapassa já o numero de nascimentos; a média da segunda quinzena de dezembro de 1917 e da primeira de janeiro de 1918, em doze das maiores cidades da Alemanha, incluindo Berlim, é de 9,79 nascimentos e 16,14 falecimentos, o que é alarmante. Isto, comtudo, não representa tanto, aumento na mortalidade como uma diminuição extraordinaria no numero de nascimentos, o que nada tem com a alimentação. Encontramos dados mais seguros no exame duma determinada doença. Está constatado que recrudesceram as doenças que nascem da insuficiencia de alimento — doenças de pele, edema, anemia —; porém a doença que mais vigora como resultado dessa circumstancia é a tuberculose. Durante os primeiros seis mezes de 1913 e de 1917 as mortes ocasionadas na Alemanha por esta doença foram de 22.028 e 37.064 respectivamente: um acrescimo de 78 %. Isto é serio, porém está longe de representar o resultado da fome. O que indica,

porém, é que este flagelo, que ha quatro anos parecia estar em vespervas de se exterminar, tem um acrescimo de vida; as consequencias far-se-hão sentir mais tarde na Alemanha, pois por um que morre são muitos os que contraem a doença. O dr. Tiele, medico oficial das escolas elementares de Chemnitz, deu ultimamente a este respeito as estatisticas das escolas: a percentagem dos tuberculosos por entre os que começam a vida escolar elevou-se de 1,07 em 1913 a 2,35 em 1917; entre os candidatos para a crisma elevou-se de 1,51 a 4,90. Caso este muito mais serio que a estatistica da mortalidade.

Segundo nos parece, a Alemanha poderá, fisicamente, resistir até á proxima colheita. Já veem indicadas as maiores dificuldades a vencer. As tres rações principais — pão, carne e batatas — não estão muito seguras; poderá ser preciso reduzi-las. Podemos ter a certeza que, ao aparecer a necessidade, a Alemanha não hesitará em se utilizar de tudo quanto possam oferecer os territorios ocupados afim de manter a força fisica da sua gente. Não é possivel estabelecer dados emquanto á Ukrania: duvidamos que dali possa vir grande alivio durante este ano. Em Viena calcula-se a colheita da Ukrania em 1.000.000 de toneladas, e o correspondente do *Berliner Tageblatt* em Viena, informa que segundo varios peritos esse calculo é excessivo e que a parte que caberia á Alemanha de pouco lhe serviria. Se ha verdade nos contos que nos chegam da Ruissia, a «paz do pão» da Ukrania

poderá dar uma desilusão tão grande como foi a «vitoria da colheita» da Romenia.

Do proximo ano cerealifero não podemos falar, pois ignoramos qual a perspectiva para as colheitas da Ukrania e das provincias balticas. Note-se, porém, que se admite geralmente na Alemanha não existir possibilidade de aumentar a colheita de cereais panificadores nem de forragens no proprio paiz emquanto durar a guerra: ha falta de mão d'obra, de gado e de certos adubos artificiais. Isto fez ver em novembro de 1917 no Landtag o Ministro Prussiano da Agricultura; tambem se afirmou no Landtag da Saxonia que o terreno estava quasi exgotado. Os lavradores queixam-se que os soldados de retorno não servem para a lavoura e perguntam como é possível lavrar se lhes não é permitido reservar a forragem necessaria para sustento dos seus cavalos. A Camara de Agricultura de Hanover duvida que se possa levar a efeito os trabalhos deste ano visto o estado de fraqueza em que estão os cavalos.

Parece depender da Ukrania que haja qualquer melhoramento na proxima colheita.

VI. Alimentação insuficiente — Moral

E' muito possível que o que se pode chamar efeito moral, devido ao estado prolongado de alimentação insuficiente na Alemanha, tenha ainda mais importancia que o efeito fisico. Ambos são cumulativos; porém, se por um lado existe a possibilidade que se mitiguem os efeitos fisicos

pela chegada de subsistencias vindas da Russia, parece, por outro lado, que já passou dos limites do remediavel o desmoronamento da moral e da moralidade nacionais. E' mais facil entrar no caminho do desregramento do que refrear o movimento uma vez encetado; se os quadros que nos veem da Alemanha exprimem a verdade, não só o povo alemão se desviou das mais elementares regras de probidade, mas vai tambem perdendo as qualidades essencialmente alemãs da ordem e do respeito pela autoridade. Dá-nos a impressão duma grande luta em que tudo foi por agua abaixo excepto a resolução de se obter viveres seja porque meio fôr. Ha um ano que o mal cresce sem interrupção. Os campos teem de ser guardados por tropa ou policia; sai-se de noite para roubar o batatal do visinho; foi preciso proibir a todos, mesmo aos proprios proprietarios, acesso aos campos de noite. Calcula-se que as senhas de pão excedem em cinco milhões o numero de habitantes. Declarou-se no Landtag de Wurtemberg, no mez de julho, que no Imperio alemão se tinha morto sem autorização 7 milhões de porcos. Tem servido de grande escandalo os certificados medicos para rações a doentes; só em Munich, até novembro de 1917, tinham-se distribuido 10.000 senhas para doentes simulados. Em Friedeman roubaram-se os talheres das cosinhas publicas. E' perigoso entrar-se no Correio Geral, que foi classificado no Landtag da Prussia, sem que se levantasse um protesto, dum covil de ladrões. Outro tanto se dá nos caminhos de ferro: nos vagon de man-

timentos chegam por uso e costume muitas centenas de quilos de menos; diz-se que é impossível deter um vagão que não seja logo assaltado. Estão em discussão medidas especiais para salvaguardar as estações e as estradas. E' universal o suborno de empregados publicos. Emfim, é um quadro tristissimo de descalabro moral e de nervosismo.

Na mesma categoria entra o negocio illicito hoje tão geral. O celebre memorial de Neukoeln publicado em dezembro deixa ver as municipalidades fazendo concorrência umas ás outras e todas ás firmas produtoras de materiais de guerra para a compra de subsistências, fosse em que parte fosse e a todo o preço, sem atender nem a regulamentos nem aos preços maximos, e declara que as comunas que tinham tentado observar «em geral» as leis, se viam em face de problemas futuros insolúveis. O meio de se defender adoptado por von Waldow consiste em atacar as comunas; afirma que o negocio illicito se desenvolveu até tal ponto que põe em perigo o fornecimento geral de subsistências. Respondeu a isto a Repartição de Subsistências de Lichterfelde que não são unicamente as autoridades comunais e os individuos particulares que ultrapassam os preços maximos, são tambem as autoridades imperiais e do Estado, o Comando Militar e as fabricas de material de guerra; e que entre os vendedores se encontram os grandes proprietarios e até os feitores das propriedades reais. Assim que se promulga um regulamento novo, a quasi totalidade do povo, segundo se confessa,

procura meio de se esquivar. O caso é que já não ha ninguem que respeite nem regulamentos nem penalidades, contanto que possa obter alimento. Chegam a ser fantasticos os preços pagos nesse negocio ilicito. Herr Potthof escreveu no *Die Hilfe* que não ha na Alemanha quem não tenha incorrido, no sentido restrito, na pena de prisão. Os tribunais classificam como quasi traição o negocio ilicito e consideram-no mais temivel que o inimigo externo. Durante o ano que terminou em outubro de 1918, foram inflingidas 169.606 multas por transgressões ás leis de subsistencias.

Em consequencia da convicção prevalecente que os cultivadores açambarcam os seus productos quanto podem para tirarem lucros enormes pelo negocio ilicito, o desacordo entre a cidade e o campo chegou a tal extremo que em dezembro von Waldow mandou 700 «missionarios» para as provincias afim de «combaterem essa perniciosa desinteligencia a qual, como um cancro malefico, corroe a harmonia dum povo». A competição na esfera das subsistencias suscitou entre as comunas que representam o consumidor civil e as grandes fabricas de material de guerra uma atmosfera de inimidade, emquanto que nas classes baixas está o animo excitado pela convicção que haveria para elas maiores rações se os viveres apropriados pelas classes abastadas por meio do negocio ilicito fossem requisitados e distribuidos com justiça. Até hoje o Governo tem-se mostrado incapaz de remediar o mal. A sua situação não é das mais invejaveis.

Não ousa processar os vendedores porque neles estão incluídos os seus mais poderosos partidários, isto é, os grandes proprietários começando pelo Kaiser. Von Waldow não ousa atacar a sua própria classe para o bem estar da qual o negocio ilícito é importantissimo. Não pode coagir além de certo ponto os lavradores, pois eles constituem os nervos vitais da Alemanha. Não lhe convem ofender os fabricantes de munições e material de guerra porque afinal as suas contravenções favorecem os operarios cujos serviços são também vitais para o Imperio e que já tem na conta dum direito as subsistencias que lhes são fornecidas como privilegio, — situação bem perigosa. Tomou a deslorra atacando as comunas que são os maiores consumidores — o que também perigoso é. O exemplo classico é o processo formado contra Neukoeln. Esta comuna comprou couve a 11 marcos, preço ilícito. A couve não lhe foi entregue porque a fabrica Krupp ofereceu 17 marcos e obteve o produto. Instaurou-se processo contra Neukoeln, e Krupp ficou indemne.

Não possuímos meio de conhecer a quantidade de subsistencias que se adquirem ilícitamente, porém sabemos que beneficiam unicamente os abastados e os operarios das grandes fabricas. Ao ler as descrições alemãs com respeito a esta ilegalidade e desorganisação, é justo recordar que a distribuição de subsistencias tem aproveitado muito com a melhor organisação. O Congresso das Cidades Alemãs que se reuniu a 19 de janeiro descreveu acertadamente o ne-

gocio ilícito dando-o como sintoma de fraqueza económica: é igualmente sintoma de nervosismo. Tem-se falado bastante no nervosismo alemão; o *Die Konjunktur* de 2 de agosto de 1917 profundou o mal pela pergunta: «Como é possível conservarmos os nervos em estado normal se não temos bastante de comer?» Não citamos as ultimas greves que tiveram pela maior parte motivos políticos; porém tudo leva a crer que o nervosismo alemão resulta da falta de sustento. A ser assim os sucessos da Rússia não lhes trarão cura. O ponto mais importante da questão do alimento afigura-se-nos ser este: o povo alemão chegou a um estado em que lhe não será possível suportar os efeitos duma derrota militar nem de se refazer depois. Psicologicamente só um milagre lh'o permitiria. Milagres tem havido nesta guerra porém não dessa ordem.